

## ANÁLISE DA NARRATIVA DE UM SUJEITO COM SÍNDROME DE DOWN EM SITUAÇÃO DIALÓGICA

### *NARRATIVE ANALYSIS OF A SUBJECT WITH DOWN SYNDROME IN DIALOGICAL SITUATION*

Mirian CAZAROTTI<sup>1</sup>

Evani A. Amaral CAMARGO<sup>2</sup>

**RESUMO:** o texto diz respeito à análise da narrativa de um sujeito (6 anos de idade) com síndrome de Down e baseia-se nas teorias enunciativo-discursivas e nas discussões de Bakhtin e Gerdali, sobre linguagem e seu funcionamento. Assim, o objetivo deste estudo é analisar a narrativa de uma criança com singularidades no desenvolvimento lingüístico em uma situação dialógica. Os dados referem-se a atividades em grupo videogravadas em uma instituição especial. O texto propõe a análise qualitativa e observacional dos episódios narrativos. Os resultados indicam que, no início do processo narrativo, a criança necessita do outro mais experiente na língua como mediador no processo de significação das palavras e gestos.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; narrativa; Síndrome de Down.

**ABSTRACT:** the text reports the narrative analysis of a subject (6 years old) with Down syndrome. It's based on enunciative-discursive theories and Bakhtin and Gerdali's discussions about language and its functioning. This study aims to analyze the child's narrative with singularities in the linguistic development in a dialogical situation. The data refer to group activities video recorded in a special institution. The text proposes the qualitative and observational analysis of the narrative episodes. The results indicate that in the beginning of narrative process, the child depends on somebody more expert in language as mediator in the signification process of words and gestures.

**KEYWORDS:** language; narrative; Down Syndrome.

## INTRODUÇÃO

O presente texto baseia-se tanto nas teorias de linguagem enunciativo-discursivas nascidas, segundo Coudry (2001), na Neurolingüística com a questão dos processos de significação; quanto nas discussões de Bakhtin (1995,1997) e Gerdali (1997) a respeito de linguagem e seu funcionamento.

Assume-se, então, a linguagem como atividade interativa e constitutiva do sujeito buscando apoio nos pressupostos sócio-culturais (Vigotski, 1989,1998), considerando-se que o discurso proporciona o desenvolvimento do pensamento generalizante, das capacidades de abstração, planejamento e antecipação das ações. Assim, durante as interações com as pessoas do meio em que os sujeitos com necessidades especiais vivem é que as funções psíquicas surgem, atenuando as conseqüências da deficiência e aumentando as chances da influência educativa. O interlocutor mais experiente tem papel fundamental porque é através da fala do outro

<sup>1</sup> Fonoaudióloga, Especialista em Motricidade Oral pelo CEFAC-UNIFRAN, Mestranda em Fonoaudiologia pela UNIMEP. [cazarottimirian@ibest.com.br](mailto:cazarottimirian@ibest.com.br)

<sup>2</sup> Fonoaudióloga, Mestre em Lingüística e Doutora em Educação pela UNICAMP, docente do Mestrado em Fonoaudiologia da UNIMEP.

que a criança inicia suas experiências como narradora e o conceito de mediação tem lugar.

Dessa forma, o objetivo proposto é analisar a narrativa de uma criança com síndrome de Down que apresenta singularidades em seu desenvolvimento lingüístico em uma situação dialógica.

Na revisão da literatura focalizam-se questões como: a linguagem em funcionamento; as situações dialógicas; a produção de sentidos; a mediação semiótica e a análise microgenética.

## DESENVOLVIMENTO

Partindo-se do referencial enunciativo-discursivo, a linguagem não é mais concebida como uma estrutura fechada e estática, mas sim dinâmica e em funcionamento e as interações verbais ganham importante lugar para estudo.

Nas palavras de Bakhtin (1995):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas (...), mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através (...) das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (p.123).

Citando ainda o autor, o enunciado deve ser compreendido como qualquer manifestação de comunicação: oral, gestual ou escrita. E o diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal.

A situação dialógica (interlocução) é construída através dos enunciados nas interações verbais. Geraldi (1997) compartilhou dessa concepção, explicitando que a linguagem deve ser entendida como uma sistematização aberta de recursos expressivos que só se concretizam na singularidade dos acontecimentos interativos, e onde a compreensão deixa de ser mera decodificação. Ele ainda propôs a definição de interlocução como espaço de produção da linguagem, do universo discursivo e de constituição de sujeitos. Entende-se que é nesse momento que o sentido é produzido.

Para discorrer melhor a respeito da produção dos sentidos, retomam-se as idéias de Bakhtin: "... o que faz da palavra uma palavra é a sua significação. O que faz da atividade psíquica uma atividade psíquica é, da mesma forma, sua significação" (1995, p. 49). Entende-se assim, que a construção do significado da palavra é realizada a partir da relação com o outro, quando a criança passa a ter compreensão plena da palavra, devido aos significados sociais que o interlocutor dá às suas ações.

O princípio dialógico de Bakhtin pode estar relacionado aos construtos teóricos de mediação semiótica de Vigotski (1989,1998) porque ambos exprimem as noções fundamentais de produção do signo e da participação do outro.

Para esses autores, o signo é produzido socialmente, necessitando de tal participação para existir – com os significados sendo construídos e compartilhados. Durante a interação, a consciência e o conhecimento de mundo dos sujeitos se

processam, e a linguagem – signo por excelência humano – torna-se instrumento para que o homem possa modificar e ser modificado pelo meio social.

Pode-se concluir que as práticas discursivas que atravessam o cotidiano – narrativas, argumentações e conversas – permitem a realização da produção dos sentidos.

A abordagem microgenética torna-se neste momento outra questão importante a ser contemplada. Considera-se neste texto esta vertente inserida na matriz histórico-cultural, pois ela articula o nível microgenético das interações verbais sob o foco do funcionamento dialógico-discursivo, vinculado também às proposições do paradigma semiótico-indiciário (GÓES, 2000). Tal vertente propicia a investigação da constituição do sujeito, pois permite o estudo aprofundado dos processos intersubjetivos, além de expandir as possibilidades de vincular minúcias de episódios específicos às condições relativas das práticas sociais – macrossociais, tornando-se desta forma pertinente à proposta de análise dos dados recortados de uma situação dialógica.

## **MÉTODO**

O enfoque deste trabalho refere-se a um episódio narrativo de reconto de estória infantil envolvendo uma criança de 6 anos de idade com síndrome de Down e atraso de linguagem (nome fictício: Mara). Todos os níveis de sua linguagem estão comprometidos, sendo que se apresentam com menor prejuízo o fonético-fonológico e o sintático-semântico, favorecendo, desta forma, a inteligibilidade de grande parte de seus momentos discursivos, que se caracterizam freqüentemente pela gestualidade permeando a oralidade. Tem um irmão mais velho e a escolaridade dos pais compreende 2º e 3º graus completos, sendo que a família pertence à classe sócio-econômica média-baixa.

Esta criança participa de um grupo de estimulação infantil diário, de 4 horas, em uma instituição especial, no interior do estado de São Paulo e freqüenta a instituição desde bebê.

O episódio que se propõe para análise faz parte de um banco de dados de um projeto maior (mestrado) composto por meio de videograções do grupo do qual Mara participa, na instituição. Este grupo é constituído na íntegra por 7 crianças (sendo 4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) com idades entre 5 e 6 anos, com atraso global de desenvolvimento, incluindo a área da linguagem. O objetivo do programa para esse grupo de estimulação infantil consiste em favorecer o desenvolvimento neuro-psico-motor e de linguagem de crianças com necessidades especiais, com faixa etária entre 4 e 7 anos, contando com uma monitora para a realização das atividades, elaboradas inicialmente por uma equipe constituída por profissionais da instituição dos setores de fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia, psicologia e serviço social. Atualmente, quem coordena o programa é uma terapeuta ocupacional. Além da participação nesse programa, quando necessário, as crianças recebem atendimento terapêutico em todos os demais setores da instituição, incluindo ainda tratamento odontológico e neuropediátrico.

Para a pesquisa, as crianças foram videogravadas em diversas atividades do grupo, entre as quais, contar estórias e relatos de fatos vividos, brincadeira do faz-de-conta (com miniaturas) e atividades pedagógicas (pintura, colagem), coordenadas pela monitora responsável. Para este artigo propõe-se a seleção do episódio de recontagem de estória realizado por Mara devido à discussão que estes dados podem proporcionar para a análise de uma situação dialógica narrativa, envolvendo este sujeito com síndrome de Down que apresenta características lingüísticas singulares, contemplando, desta forma, o objetivo deste texto.

A opção para este artigo é da análise qualitativa, microgenética, com a seleção e transcrição dos dados ortográfica. Já as marcações (legenda) da oralidade e gestual estão baseadas e adaptadas do quadro do Projeto NURC – Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Lingüística Culta (MUSSALIM, 2001). Esta pesquisa tem a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-UNIMEP, sob o protocolo de nº 67/02.

#### DESCRIÇÃO DO CONTEXTO ANALISADO

O episódio data de agosto de 2002, com duração aproximada de 03 minutos, com a participação de Mara, da monitora e das crianças do seu grupo de estimulação. Todos se encontram sentados no chão, em círculo. A monitora solicita que Mara recontem a estória "Chapeuzinho Vermelho", após tê-la contado anteriormente com a participação das crianças do grupo.

*Mara:* sujeito

*M:* monitora

*Crianças do grupo:*

JU

A

Lê

Ca

#### EPISÓDIO:

1-Mara: Ela a veis (olha para M).

2-M: Era uma vez... (gesto de enumerar fatos nos dedos).

3-Mara: ( ) ...bateu a vovozinha.

---

#### Legenda:

(aaa) = descrição de ações não-verbais;

( ) = enunciado ininteligível;

letra maiúscula = entoação, ênfase;

[[ ]] = simultaneidade de vozes;

—— = interrupção externa;

... = pausa

- 4-M: HÃ NOSSA, e daí?
- 5-Ju: NOSSA!
- 6-Mara: Bateu a póita (bate na lousa).
- 7-M: Entrou pela porta?
- 8-Mara: Bateu na porta.
- 9-M: Bateu na porta.
- 10-Mara: (Bate na lousa novamente).
- 11-M: E daí?
- 12-Ju: Bati póita.
- 13-M: E daí?
- 14-A: Comeu o lobo.
- 15-M: (olha para Mara) E daí? Entrou dentro da casa e comeu aaa...
- 16-Mara: [[Vovozinha]]
- 17-A: [[vó]]
- 18-M: Ah! (gesto e expressão de susto)... Meu Deus! E depois?
- 19-Mara: ( ) chegô.
- 20-M: O caçador chegou?
- 21-A: ( ) conteceu com lobo.
- 22-M: Ah...
- 23-Lê: (mexe no cabelo de Mara).
- 24-Mara: PALA!
- 25-M: E o Ca ? (olha para ele).
- 26-Mara: NÃO, EU!
- 27-M: Então termina de contar para mim. Que, que aconteceu, eu não vou contar mais, eu já contei uma vez!
- 28-Mara: Ela a veis, itólia a vovozinha, a chama, lobo mau comeu vovozinha, aí entô, bateu (bate na lousa).
- 29-M: POSSO ENTRAR? (voz grave).
- 30-Lê e outras cças: PODE! -----
- 31-M: É a Mara que está contando, conta Mara!
- 32- Mara: Ela a veis, itólia a vovozinha, ela chama, ela a veis [ ], ela chama, VENHA ENTÁ! (muda seu tom de voz)
- 33-M: AI VOVOZINHA (voz mais aguda e mão sob a garganta).
- 34-Mara: (bate na lousa) ( ) ABI A POTA ( voz mais grave).
- 35-M: Não, não abro (voz aguda), e daí o que, que aconteceu? NÃO VOU ABRIR NÃO! (voz aguda).
- 36-Mara: ( ) aíí o lobo mau comeu a vovozinha...O lobo mau ( ) di dento baiga (desenha

um traço na sua barriga com o dedo).

37-M: Tirou a vovó de dentro da barriga? E daí?

38-Mara: Ela uma veis, a itólia a vovozinha... chama a vovozinha, pode entá ( ) ( mexe no cabelo de Ju). -----

39-M: E todo mundo viveu feliz...

40-Mara: ACABÕ!

41-M: para sempre!

42-Mara: (aceno de despedida e gesto de dormir com as mãos unidas sob a cabeça inclinada).

43-M. e cças: Tchauu (aceno de despedida).

#### ANÁLISE E DISCUSSÃO DA SITUAÇÃO DIALÓGICA

A análise dos dados proposta neste texto buscou evidenciar peculiaridades na linguagem da criança com síndrome de Down e discuti-las sob o enfoque de teorias, principalmente da Lingüística.

Observa-se que os enunciados, tanto das crianças, quanto do adulto, são compostos de palavras e gestos, como definiu Bakhtin (1995,1997).

Nos turnos 6, 8 e 18, a utilização dos gestos aparece enfatizando e reiterando a expressão oral na enunciação, quando, por exemplo, Mara diz: *Bateu a póíta*, e bate na lousa como se fosse a porta, no turno 6.

Já em outros turnos (2, 10, 36, 42 e 43) os gestos complementam ou substituem a expressão oral, como se verifica no turno 10, por exemplo, quando Mara apenas bate na lousa novamente após a monitora repetir sua fala anterior: *Bateu na porta*.

Autores como Rector e Trinta (1986) discutiram esse inter-relacionamento entre comunicação gestual e verbal. A comunicação, essencialmente não-verbal (expressão facial, gesto, entoação, etc), substitui a oralidade em certas circunstâncias porque não há vocabulário adequado disponível para o que se deseja, devido à idade ou experiência lingüística do emissor e do receptor. Diante dessa afirmação, pode-se justificar o uso dos gestos por Mara, já que como referido anteriormente ela apresenta prejuízo nos diversos níveis lingüísticos.

Além disso, esses autores também disseram que a comunicação não-verbal ilustra, enfatiza, reitera e complementa a mensagem oral. Observa-se a presença da maioria dessas características nas emissões da criança.

Outra questão que pode ser abordada novamente é a construção de sentidos durante as enunciações. Geraldini (1997) referiu que quando se consideram os processos de negociação de sentidos, os mal entendidos e as retificações, na interlocução, percebe-se a importância das operações de construção das significações dos recursos expressivos. Nos turnos 6, 7, 8 e 9, o mal entendido surge quando o

interlocutor (monitora) tenta reconstruir o enunciado de Mara, visto que ela não domina todos os recursos expressivos da linguagem e ela insiste, buscando melhorar sintaticamente seu enunciado e mantendo o sentido de que *o lobo bateu na porta e não entrou pela porta*.

A questão da compreensão também foi discutida por Geraldi (1997). Para ele a compreensão de um tema depende da contrapalavra do interlocutor para que não provoque ruptura na produção conjunta dos sentidos. As autocorreções, hesitações, repetições são denominadas atividades epilingüísticas e vêm sendo estudadas nos processos de aquisição de linguagem. Mara procura adequar seus recursos expressivos, apoiada na contrapalavra da monitora, que em outros turnos (20 e 37) organiza sintaticamente o enunciado da criança, promovendo o desenvolvimento desses recursos, como, quando, no turno 20, a monitora diz: *O caçador chegou?*, após Mara apenas ter dito: *chegô!*, no turno anterior.

A criança-sujeito da análise usa com bastante frequência as atividades epilingüísticas. Ela demonstra estar utilizando esses *meios* para conseguir *contar a história*, já que sua linguagem encontra-se em aquisição.

Os turnos 4, 18, 29, 30 e 32 mostram que a entoação poderia até substituir a parte expressa da fala, como vemos no turno 4, quando a monitora diz: *HÃ NOSSA!*, para participar da narrativa. Bakhtin (apud JOBIM; SOUZA, 1994) concedeu importância a esse tema, já que num certo grau, pode-se falar por meio da entoação, e que somente nela encontra-se a emotividade, a avaliação e a expressividade. Essas características existem apenas no processo de uso ativo da palavra, num enunciado concreto. O discurso narrativo propicia essa situação e Mara está se apropriando desse conhecimento e fazendo uso dele.

Já os turnos 1, 28, 32 e 38 apresentam a retomada do início da narrativa pela criança, indicando que ela (Mara) está construindo o sentido dessa estória e o seu desenvolvimento como narradora.

Para finalizar, os dados demonstram a importância do uso do signo, agindo e influenciando o sujeito e permitindo que a narrativa seja construída a medida em que os sentidos são negociados na interação verbal. A presença do outro (interlocutor mais experiente) evidencia-se como determinante na situação dialógica, principalmente diante de um sujeito com singularidades de linguagem, encontradas com frequência em crianças com síndrome de Down.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados revelam que durante a interação verbal, ao assumir uma postura ativa, possibilitada pelo interlocutor mais experiente que se propõe a considerar cada palavra, gesto ou expressão no processo de construção dos sentidos, Mara pode se constituir como sujeito dialógico. Ela mostra ser capaz de defender seu lugar de narradora, negociando o sentido do seu enunciado, quando erroneamente compreendido, usando para isso, o apoio da contrapalavra do interlocutor. A criança

no início do desenvolvimento narrativo necessita do outro mais experiente na/da língua, como mediador, no processo de ressignificação dos sentidos, presentes na interlocução, resgatando o significado que ela quer dar, a partir do uso de palavras e gestos. Os gestos foram utilizados com frequência por Mara, como se fossem instrumentos da linguagem oral, ainda em aquisição.

Pode-se concluir que privilegiar os espaços de interlocução, principalmente diante de crianças com um desenvolvimento singular de linguagem, como acontece na síndrome de Down, passa a ser um recurso importante para o seu desenvolvimento, em todos os aspectos, principalmente o lingüístico.

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia de linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GÓES, M.C.R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, Campinas, UNICAMP, n. 50, p. 9-25, 2000.
- JOBIM, S.; SOUZA. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papyrus Editora, 1994.
- MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (org.). *Introdução à Lingüística 2- domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, p.101-142, 2001.
- RECTOR, M.; TRINTA, A.R. *Comunicação não-verbal: A gestualidade brasileira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas – Fundamentos de defectologia*. tomo cinco. 1 reimpressão. Havana: Editora Pueblo y educacion, 1989.

---

Recebido em 30/04/2004

Reformulado em 30/08/2004

Aprovado em 07/09/2004